

Instituição escolar como objeto de pesquisa: aproximações e potenciais no caso da escola Carlos Kluwe

*Renan Silveira Camargo¹
Alessandro Carvalho Bica²*

doi.org/10.47585/dil.ens.aprend.07

Introdução

Este artigo aborda reflexões que resultam de um processo de pesquisa no campo das instituições escolares, com foco na Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Carlos Antônio Kluwe, criada na década de 1950 no município de Bagé, em um período de elitização da educação, sobretudo no nível secundário. O texto traz autores e argumentos que reforçam questões a serem investigadas e que devem compor uma dissertação de mestrado vinculada ao Programa de Pós-graduação em Ensino - PPGGE da Universidade Federal do Pampa - Unipampa.

Os elementos norteadores das perguntas a serem respondidas serão pautadas por argumentos como o potencial histórico do processo de fundação da referida instituição, onde pode-se destacar a efervescência política que acompanha o período de fundação da escola. Ao recorrermos por autores e conceitos envolvendo a pesquisa em andamento, reforçamos argumentos que comprovam o potencial de pesquisa da instituição escolar.

1 Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Federal do Pampa - Unipampa | E-mail: renansc.aluno@unipampa.edu.br

2 Doutor. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Federal do Pampa | E-mail: alessandrobica@unipampa.edu.br

Do ponto de vista histórico, Gonçalves e Faria Filho (2005) destacam que as instituições escolares são objetos de pesquisa consistentes, uma vez que a cidade como um todo pertence à escola e estas estão a favor da preservação da memória, do ambiente na qual a escola está inserida, como as ruas, a vizinhança, o bairro e as pessoas que fizeram parte de sua história, possibilitando um amplo estudo de questões fora dos muros escolares.

Tratando dos processos de ensino-aprendizagem e contribuições da História da Educação para aprimorar a prática, Bonato (2005) destaca pesquisas que vêm apontando a relevância que os arquivos escolares oferecem para os processos atuais. Isto é, com sua organização e reflexão histórica acerca da memória escolar - que é, claro, formada pela trajetória das instituições, não deixando de fora o potencial que seus métodos podem garantir ao tempo presente.

No referencial teórico, foram destacados conceitos como História da Educação; Instituição Escolar e Cultura Escolar, com intuito de incumbir premissas que justifiquem a pesquisa em andamento.

História da Educação

Sobre História da Educação, podemos concordar com a definição de Galvão e Lopes (2010, p. 65), quando dizem que “a história da educação é uma das maneiras de abordar o presente tornando-o estranho, para que possamos compreendê-lo”.

Partindo da premissa de que os estudos em História da Educação surgem a partir da necessidade de renovação teórico-metodológica, Bica (2009) defende que os trabalhos da área pretendem dar voz aos esquecidos, neste caso, os envolvidos no processo educativo, bem como no cotidiano escolar e seu contexto cultural. Além disso, é função da História da Educação ampliar a visão dos espaços sociais, materiais, políticos e culturais que integram as instituições escolares.

Ainda, no mesmo sentido, que diz respeito à função da pesquisa em História da Educação, encontramos em Miguel (2004, p. 112) as motivações para investigações na área, sendo elas “conhecer um autor ou a história da educação quando eles nos auxiliam a compreender melhor as questões educacionais brasileiras e encontrar soluções para as mesmas”. Desse modo, de uma maneira mais pragmática, podemos afirmar que, no contexto educacional, não é possível melhorar uma realidade a qual não conhecemos.

Sobre os passos da Historiografia da Educação no Brasil, Da Costa e Salviano (2018) afirmam que a área ainda é muito recente, apesar de a prática dentro da história já ter sido adotada há muito mais tempo. A sua consolidação, afirmam, ocorreu com o surgimento e perenização dos programas de pós-graduações, com estímulo das associações e instituições da área.

Já Lopes (2009), por sua vez, destaca que a história da educação, globalmente falando, começou a ser problematizada no campo da sociologia e foi sistematizada por Émile Durkheim (1858-1917) em obras que uniam educação e sociologia recorrentemente. O autor destaca que isso não significa, assim

como também afirmam Da Costa e Salviano (2018), que a prática exercida de maneira espontânea e não sistematizada não ocorre há muito mais tempo do que se pode observar em momentos prévios ao da consolidação enquanto área de estudo.

No que tange o *status* empregado à História da Educação, Lombardi (2003) faz uma série de reflexões com objetivo de alocá-la dentro da classificação científica. Ao levantar controvérsias, questiona “como entender a História da Educação?” (p. 6), ao passo em que esclarece:

Apesar de ser uma discussão que também exige a explicitação de parâmetros, impossível de se fazer nos limites deste texto, muitos de nós tendemos a pensar a História da Educação como uma disciplina com status científico, estando muito além de constituir-se em mera disciplina curricular e acadêmica. No meu entendimento, a História da Educação só pode se constituir uma disciplina diferenciada, isto é, um campo de conhecimento próprio e que se reivindica científico, na perspectiva de ampliação e aprofundamento da concepção e classificação de ciência característica à matriz positivista e suas variantes. Nessa perspectiva, é admissível a especialização do conhecimento, comportando a defesa de disciplinas altamente especializadas em que a própria denominação da disciplina se confunda com o seu objeto de investigação (LOMBARDI, 2003, p. 7).

E ao fim, em consonância com o autor, podemos concluir que a História da Educação está indicando o seu objeto de investigação, a educação; da mesma forma que se utiliza de métodos e teorias próprias a cada pesquisa, mas abrangida pela Ciência da História.

Instituição Escolar

Vale esclarecer que pesquisas sobre a história das instituições escolares se desenvolveram a partir da década de 1960, sobretudo no continente Europeu (GATTI JÚNIOR; PESSANHA, 2005). Magalhães (1998), no entanto, explica que foi somente nas últimas décadas que a abordagem dos processos de formação e de evolução das instituições educativas constituiu um domínio do conhecimento na História da Educação.

A renovação tem gerado profundas alterações metodológicas, uma vez que essa história passou a ser “construída da(s) memória(s) para o arquivo e do arquivo para a memória, tentando uma síntese multidimensional que traduza um itinerário pedagógico, uma identidade histórica, uma realidade em evolução, um projecto pedagógico” (MAGALHÃES, 1998, p. 61).

Muitos são os aspectos que podem ser abrangidos por estudos envolvendo instituições escolares. Além de questões pragmáticas e de cotidiano das instituições, esses objetos de pesquisas possibilitam visualizar decisões políticas, sejam elas periféricas ou centrais dentro da sociedade. Conforme defende Werle (2004), esse tipo de estudo reflete a memória reconstruída pela perpetuação de suas bases, mas fundamentalmente, a história contada de forma crítica sobre o objeto de estudo e a sua época.

No contexto de pesquisas em educação, sobretudo no campo da história, é fato que as instituições

escolares representam uma das subcategorias que mais dispõem de fontes de informações necessárias para o desenvolvimento de pesquisas. Essas pesquisas permitem compreensão sobre as próprias instituições, mas também sobre o processo de ensino dentro de contextos históricos, de cultura escolar, da história da educação, e sendo assim, se confundem com estudos sobre a própria sociedade (FURTADO, 2011).

Não é possível a análise das instituições escolares sem a devida contextualização das condições sociais, históricas e geográficas. Em termos históricos, Bertonha (2008) escreve que esses estudos implicam em resgatar textos, documentos, arquivos, oralidade, fotografias e todo tipo de material que possa reconstruir a história como um todo. É preciso, eventualmente, sair da história da educação para procurar respostas em contextos mais amplos.

As instituições escolares não se tratam de uma categoria isolada dentro da história da educação. Ainda analisando cada instituição a fundo, há muitos elementos que podem contribuir com a pesquisa. São exemplos “[...] a arquitetura escolar, a organização, o espaço, seus alunos, professores e gestores, currículo, livros didáticos, projeto pedagógico, normas disciplinares, regimentos” (DA SILVA, 2009, p. 214).

Ainda do ponto de vista da compreensão deste tipo de instituição, Magalhães (1998) defende que esta não se dá somente a partir de sua simples existência histórica, ou ainda, de sua integração na comunidade.

[...] ao sistematizar o seu itinerário de vida na sua multidimensionalidade, confere, no seu entendimento, um sentido histórico. A história da instituição escolar deve ser relacionada ao contexto em que ela emerge; isso implica compreender e analisar o seu desenvolvimento de acordo com a expansão e as mudanças que ocorreram na sociedade, bem como compreender a história de um povo e sua cultura (MAGALHÃES, 1998, p. 51).

Desta ênfase traçada pelo autor podemos nos aproximar de um conceito chamado de cultura escolar, abordando práticas e legados intangíveis, mas igualmente valorosas nas pesquisas sobre instituições escolares.

Possibilidades no âmbito da cultura escolar

Por cultura escolar podemos compreender o conjunto de normas que definem os conhecimentos ensinados, bem como as condutas adotadas através destas instituições. Ou ainda, o conjunto de práticas que permite a transmissão dos conhecimentos e a incorporação dos comportamentos gerados (JULIA, 2001).

Não menos relacionado com a cultura escolar direta, podemos perceber através de pesquisas em história da educação, sobretudo as que abordam a educação pública brasileira, que a escola se consolidou como espaço mais apropriado de formação de novas gerações. Isso por meio da construção da cultura escolar que não se articula necessariamente em torno somente do conhecimento, mas das possibilidades de criação de uma instituição que cria e organiza a vida social (FARIA FILHO, 1996).

É fato que a cultura escolar não é um conceito que pode ser delimitado com facilidade. Mas considera-se que, historicamente, as escolas foram construindo suas normas e práticas definidoras dos conhecimentos, valores e comportamentos que seriam transmitidos, e o resultado destas práticas teríamos o que podemos chamar de cultura escolar (PESSANHA; DANIEL; MENEGAZZO, 2004).

Na mesma direção, Chervel (1988) destaca o papel da escola enquanto fornecedora de uma cultura formada por duas etapas: seus programas oficiais, representados pelas protocolos finalidades educativas; e os resultados oriundos da ação da escola. Estes últimos, porém, não são considerados formalmente na primeira etapa, mas existem. Dito isso, o autor reconhece a cultura escolar como a cultura adquirida na escola, sejam resultantes da primeira ou da segunda etapa. Em outras palavras, essa cultura não vê a escola apenas como difusão, mas como origem.

A mesmalógica é defendida por Candido (1964) quando este defende que a estrutura organizacional escolar não é baseada somente nos planos elaborados prévia e burocraticamente. Dessa forma, a escola partiria de premissas mais amplas, “compreendendo não apenas as relações ordenadas conscientemente, mas, ainda, todas as que derivam de sua existência enquanto grupo social” (p. 107).

Por fim, Nóvoa (1998) reafirma que as escolas são instituições dotadas de particularidades, o que as impede de serem pensadas como fábricas ou oficinas. Pelo contrário, segundo o autor, estas instituições não toleram a simplificação racional e empresarial.

Julia (2001) destaca que a cultura escolar, no contexto dos estudos historiográficos, têm características semelhantes às de outras instituições da sociedade, como as instituições judiciais e militares. Desse modo, também parte da premissa de que a escola é, também, um lugar onde são cultivados comportamentos e hábitos, não se restringindo à transmissão de conhecimentos.

Contexto do surgimento da escola Carlos Kluwe

Nas décadas compreendidas entre 1930 e 1960, o Brasil passou por mudanças estruturais que incidiram diretamente sobre a construção de um sistema nacional de educação pública. No plano estrutural, o País passava por uma transição caracterizada pela aceleração do modo capitalista de produção, o que ocasionou transformações superestruturais, notadamente no aparelho escolar (Bittar, 2012).

No Brasil dos anos 1950, o país vivia, nas palavras de Meucci (2020) uma democracia trôpega e com ambições desenvolvimentistas dispersas vinda de uma nação mais ou menos estável. Na realidade, os dados denunciavam problemas desafiadores para a conclusão destas ambições.

Uma das evidências era o alto índice de analfabetismo que atingia quase 50% da população maior de quinze anos no início da década de 1950 (Souza, 1999). Tais dados apontam que, o hoje chamado ensino médio, não era realidade para a maioria dos estudantes, que em porcentagem mais significativas não chegavam a este grau de instrução.

Foi nesse contexto que em 1951 o então Ginásio Municipal de Bagé recebeu autorização do prefeito Carlos Kluwe que autorizava o seu funcionamento na cidade. Em 1952, no entanto, o estado

impediu o prosseguimento da instituição. Foi apenas em 1954, ano considerado o de inauguração oficial, que o Ministério da Educação oficializou o início das atividades da escola, que logo passou a chamar-se Colégio Estadual (NOGUEIRA; DA SILVA; GARCIA, 2021).

Bittar (2012) levanta que durante este período, de 1930 a 1960, que abrange o surgimento da referida instituição, é possível visualizar que, apesar da expansão em todos graus de ensino, continuavam persistindo traços de elitismo e exclusão na realidade brasileira. É possível perceber, portanto, a partir de estudos prévios que embasam a etapa inicial desse trabalho, que a Escola Carlos Kluwe dá indícios de que não foge deste contexto de elitização logo tenha ocorrido a sua fundação.

Cury (1998) completa, ainda, que o nosso Ensino Médio refletia a ‘perversa’ realidade brasileira, classificando-a como elitista e seletivo, sem destinação social, e que, enquanto nível de ensino, seria esquecido. O autor ainda, diz que o ensino médio era deixado em segundo plano, recebendo menor importância e era local de reprodução e discriminação.

Considerações finais

É consenso entre os autores o potencial de pesquisas envolvendo instituições escolares. Seja pela sua capacidade de investigar contextos mais amplos do que aqueles que envolvem apenas a comunidade escolar, seja pelo potencial de estudos envolvendo um período histórico, ou ainda sobre a reflexão do papel da escola no processo de ensino-aprendizagem.

A busca por documentos e respostas sobre questões pertinentes envolvendo a instituição nos permite compreender quais os motivos, dentro da conjuntura política, histórica e pedagógica, que levaram à constituição da Escola em Bagé. O motivo da abordagem dessa instituição específica deve-se também ao potencial pioneiro, histórico e político, nacional e estadual, da década de 1950. O fato deste grau de ensino não ser totalmente democratizado também nos traz grandes possibilidades de reflexão.

A busca por respostas nos acervos do município, e nos documentos da escola, também remonta a reconstrução dos passos dados até a consolidação desta instituição de ensino, seus métodos, modelo de ensino, erros e acertos, e com isso o resgate do conhecimento para o debate atual.

Ao fim e ao cabo, a reflexão crítica traz consigo o objetivo principal de tornar as pesquisas históricas com Instituições Escolares argumentos que permitam contribuir para a construção teórica, o fazer pedagógico e os novos paradigmas da educação brasileira.

Referências

BERTONHA, Vitorina Cândida Corrêa; MACHADO, Maria Cristina Gomes. A Instituição escolar como fonte da história da educação: um estudo preliminar. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA UEM, 24., 2008, Maringá, PR. *Anais...* Maringá, PR: UEM, 2009. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2008/pdf/c007.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2023.

BICA, Alessandro Carvalho. Os primeiros olhares sobre as instituições escolares de Bagé. **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, MG, v. 8, n. 2, p. 275-288, jul./dez. 2009. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/3713>>. Acesso em: 20 jan. 2023.

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do rio Bonito**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.

CURY, Carlos Roberto Jamil. O ensino médio no Brasil: histórico e perspectivas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 27, p. 73-84, jul. 1998. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/edur/n27/n27a08.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2023.

DA COSTA, Osnar; SALVIANO, Leonardo. A pesquisa em história da educação: uma revisão de literatura. **Cadernos do Tempo Presente**, São Cristóvão, SE, v. 9, n. 1, p. 92-106, jan./jun. 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.33662/ctp.v9i1>>. Acesso em: 20 jan. 2023.

DA SILVA, João Carlos. História da Educação: instituições escolares como objeto de pesquisa. **Educere et Educare**, [s.l.], v. 4, n. 8, p. 213-231, jul./dez. 2009. Disponível em: <<https://doi.org/10.17648/educare.v4i8.3725>>. Acesso em: 20 jan. 2023.

FARIA FILHO, Luciano. Conhecimento e cultura na escola: uma abordagem histórica. In: DAYRELL, Juarez (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996. p. 127-193

FURTADO, Alessandra Cristina. Os arquivos escolares e sua documentação: possibilidades e limites para a pesquisa em História da Educação. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, SP, v. 2, n. 2, p. 145-159, jul./dez. 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2178-2075.v2i2p145-159>>. Acesso em: 20 jan. 2023.

GATTI JÚNIOR, D. A História das instituições educacionais: inovações paradigmáticas e temáticas. In: ARAUJO, J. C.; GATTI JÚNIOR, D. (Orgs.). **Novos Temas em História da Educação Brasileira**. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2002, p.3-24.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, SP, v. 1, n. 1, p. 9-43, 2001. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38749>>. Acesso em: 20 jan. 2023.

LOMBARDI, José Claudinei. História e historiografia da educação no Brasil. **HISTEDBR**, Campinas, SP, v. 14, 2003. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/4746/art4_14.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2023.

LOPES, Eliana Marta Teixeira. **Perspectivas históricas da educação**. 4.ed. São Paulo: Ática, 1995.

MAGALHÃES, Justino. Um apontamento metodológico sobre a história das instituições educativas. *In: SOUSA, Cynthia Pereira de; CATANI, Denice Bárbara (Orgs.). Práticas Educativas, Culturas Escolares, Profissão Docente*. São Paulo: Escrituras Editora, 1998. p. 51-68

MEUCCI, Simone. Encaixes, desencaixes e bloqueios: sociologia e educação no Brasil da década de 1950. *Lua Nova*, São Paulo, v. 110, p. 77-98, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-077098/110>>. Acesso em: 20 jan. 2023.

MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck. Do levantamento de fontes à construção da historiografia: uma tentativa de sistematização. *In: LOMBARDI, José Claudinei; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura (Orgs.). Fontes, História e Historiografia da Educação*. Campinas, SP: Autores Associados, 2004. p. 111-120

SILVA, Fabiany de Cássia Tavares. Cultura escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 28, p. 201-216, 2006. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-40602006000200013>>. Acesso em: 20 jan. 2023.

SOUZA, Marcelo Medeiros Coelho de. O analfabetismo no Brasil sob enfoque demográfico. *Cadernos de Pesquisa*, n. 107, p. 169-186, jul. 1999. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0100-15741999000200007>>. Acesso em: 20 jan. 2023.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. História das instituições escolares: de que se fala. *In: LOMBARDI, José Claudinei; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura (Orgs.). Fontes, História e Historiografia da Educação*. Campinas, SP: Autores Associados, 2004. p. 13-35